

A Angústia Diante do Tornar-se si Mesmo no Pensamento de Søren Kierkegaard

The Anxiety Before Becoming Yourself In The Thought Of Søren Kierkegaard

Tales Macêdo da Silva
(Universidade Católica de Pernambuco, Brasil)

Resumo: Este artigo tem como seu objetivo trabalhar sobre a ideia da angústia na relação com o processo de busca, de devir. Sabe-se que o filósofo dinamarquês é bem conhecido por colocar o significado da angústia como uma “realidade da liberdade frente a possibilidade ante a possibilidade”. E esta realidade da liberdade é que constitui o existente na busca do seu tornar-se ou da singularidade. Em outras palavras, este presente artigo deseja favorecer o entendimento da importância da angústia para o Indivíduo, como também entender como é fundamental compreender a angústia como um caminho para a singularidade. Para isso, o Indivíduo precisa se apropriar de si mesmo, voltando-se para o seu próprio eu para, assim, curar-se da doença mortal que é a fuga da sua própria possibilidade, a não vivência da angústia, que leva o desespero. Por fim, será dividido este artigo em dois pontos centrais: (i) a noção da angústia do pensamento de Kierkegaard e (ii) a compreensão de como a angústia salva pela fé.

Palavras-chave: Devir. Indivíduo. Angústia. Existência.

Abstract: This article aims to work on the idea of anguish in relation to the process of search, of becoming. It is known that the Danish philosopher is well known for placing the meaning of anguish as a “reality of freedom in the face of possibility in the face of possibility”. And this reality of freedom is what constitutes the existent in the search for its becoming or singularity. In other words, this article aims to favor the understanding of the importance of anguish for the Individual, as well as to understand how fundamental it is to understand anguish as a path to singularity. For this, the individual needs to take ownership of himself, turning to his own self to, thus, cure himself of the deadly disease that is the escape from his own possibility, the non-experience of anguish, which leads to despair. Finally, this article will be divided into two central points: (i) the notion of anguish in Kierkegaard's thought and (ii) the understanding of how anguish is saved by faith..

Keywords: Becoming. Individual. Anxiety. Existence.

1 Introdução¹

Pode-se observar a dinâmica entre o conhecer e o não conhecer a si mesmo quando se está diante daquela situação de um abismo, com a tendência de sentir uma tontura ou, como Kierkegaard indica, uma ideia de *vertigem da possibilidade* (Cf. KIERKEGAARD, 2010a, p. 66). Quando o Indivíduo se encontra diante desse abismo ele necessita lançar-se para o fundo, isto significa para o dinamarquês, a *vertigem da liberdade*, inerente a cada momento do tornar-se si mesmo, ou seja, ao processo do *devenir*. Assim, neste processo do “tornar-se” é quando, metaforicamente, o sujeito se lança neste abismo de si mesmo. Para Kierkegaard, um indivíduo que não procura a sua singularidade, não é verdadeiramente um Indivíduo². Humberto Araújo Quaglio interpreta essa vertigem da liberdade em Kierkegaard da seguinte maneira:

Diante desta liberdade, ou seja, da possibilidade de escolha, e de uma escolha tão séria, pois decide seu modo de existência, o sujeito se vê tomado pela angústia. Para afastar esta “vertigem”, o sujeito se vê tentando agarrar-se aos elementos finitos, temporais e corpóreos, dentre os que devem ser por ele relacionados. Esta relação que forma o Eu acaba por efetuar-se, porém de forma desequilibrada, o que constitui o estado de pecado em que se encontra o

¹ Esta é uma versão revisada e complementada de um tópico da minha dissertação, defendida no dia 21 de setembro de 2018 no Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, com o título “Angústia e Existência Singular em Kierkegaard”.

² Vale relembrar a noção de Indivíduo (*com letra maiúscula*) e indivíduo (*com letra minúscula*). O primeiro se refere ao Indivíduo particular, sozinho, único, singular, enquanto o segundo se refere ao indivíduo na multidão, na sociedade, na humanidade. É com essa diferença que Kierkegaard convida o indivíduo a ser o Indivíduo.

sujeito [...] Vê-se então que o sujeito, antes mesmo de constituir-se como um si mesmo, como um eu, experimenta angústia, e é por esta influenciado em suas escolhas não equilibradas na forma de relacionar seus elementos constitutivos. A angústia, porém, não é um elemento que determina a escolha, conquanto a influencie. Se fosse afirmado que a escolha foi condicionada pela angústia, estaria suprimida a liberdade e a responsabilidade, não se podendo mais falar sequer em escolha ou liberdade (QUAGLIO, 2014, p. 83 – 84).

É pela observação do abismo e, conseqüentemente, pelo lançar-se ao mesmo abismo que, segundo Kierkegaard, o Indivíduo completa a síntese. Isto significa dizer, que o Indivíduo, na sua possibilidade de ser livre, pode escolher apropriar-se ou não do seu próprio eu, porém, tendo consciência das conseqüências de sua escolha.

Com base nesta proposta, tornar-se-á necessário interpretar o último capítulo da obra *O conceito de angústia*, intitulado *A angústia como o que salva pela fé*. Nesta parte, Kierkegaard desenvolve a centralidade da concepção da angústia. Ele apresenta como cada indivíduo, em sua particularidade, deve aprender a angustiar-se. Esta aprendizagem da angústia tem que ser direcionada à fé. Portanto, para um bom entendimento do leitor, se iniciará com a posição de Kierkegaard sobre angústia, para a partir explicitar como ele direciona a fé como a possibilidade de salva.

2 A noção de angústia no pensamento de Kierkegaard

O homem é uma junção do psíquico e do

corpóreo. A união dessas duas dimensões relaciona-se e forma o eu. O eu consiste no voltar-se para si mesmo e em ter autoconhecimento de sua existência. Este voltar-se para si (o self), é estabelecido por Deus nesta relação, por isso, o eu é posto no seu lugar ideal do relacionamento. Porém, o homem não é necessariamente um eu, ou si mesmo. Para efetivar-se como um eu, envolve um processo de tornar-se, e este “[...] tornar-se si mesmo é um movimento sem deslocação” (KIERKEGAARD, 2004, p. 39).

Na atualidade, percebe-se o homem moderno muito preocupado, com os níveis de ansiedade alta, desesperanças quanto às expectativas futuras, indecisões, vazio interior e entre outros sintomas que revelam o estar em conflitos vivenciais, como os grandes surtos de novos transtornos mentais que não param de crescer. No entanto, pode esta agonia do presente ser capaz de provocar uma desestruturação no eu? Mas como é possível o eu se desestabilizar, visto que é estabelecido justamente em seu lugar como self? Esta hipótese fundamenta-se na má relação que o eu constitui consigo mesmo. Voltando-se para si, o eu confunde-se em seus conceitos e em seus modos de se perceber.

O filósofo argumenta que o eu está exposto às possibilidades a todo o tempo. Possibilidades são eventos futuros, e o futuro por sua vez, é o nada, pois o futuro é indeterminado, isto é, seus possíveis objetos não existem (é, mais uma vez, o nada). Por isso, quando o sujeito está de frente para o nada, é capaz de experimentar a angústia que ele mesmo é. A angústia é “[...] um poder estranho” (KIERKEGAARD, 2015, p. 46).

Mas, por que a angústia é definida por Kierkegaard como algo diferente? A angústia caracteriza uma

ambiguidade, pois, ela é “[...] uma antipatia simpática e uma simpática antipatia” (KIERKEGAARD, 2015, p. 45). Esta afirmação indica como ela pode ser a voz da liberdade como o obstáculo que conduz ao tropeço, pois estar diante do nada traz desconforto para o indivíduo que experimenta se relacionar com o nada objetal. Assim sendo, a angústia coloca o homem em desorganização para a organização, como também em organização para a desorganização. Angustiar-se é se ver aberto para infinitas possibilidades de ser.

Supondo que certo homem esteja em um abismo; ele pode sentir medo de cair de lá, contudo, Kierkegaard afirmou que ele também sente angústia, porque as possibilidades podem desestabilizar o sujeito no abismo, deixando confuso por não saber o que possa acontecer caso ele pule. Na verdade, a angústia traz a perspectiva da insegurança que o homem sente quando está em direção ao desconhecido.

Aqui é importante ressaltar a diferença entre medo e angústia, visto que são conceitos diferentes, porém muito confundidos. De acordo com Kierkegaard, o medo é representado por uma ameaça presente, um objeto real determinado. A angústia, por outro lado, são confrontos oriundos do nada. São hipóteses do que pode acontecer. É o desconforto por estar diante do futuro. As possibilidades devoram o homem e desorganiza os conceitos que ele aderiu a si mesmo, decorrendo o abismo.

Mas por que ocorre este desconforto pelo futuro? A resposta está no eu. Apegado a si, teme a angustiante possibilidade de ser um novo eu. A ideia de lançar-se no desconhecido põe o ser em dúvidas, porque as possibilidades exigem do homem uma decisão e a total

responsabilidade das consequências vindouras. Isto faz voltar à atenção para o significado de tomar decisões e como este ato é fundamental para o desenvolvimento do eu.

3 Compreensão de como a angústia salva pela fé

A interpretação oferecida por Cleyton Francisco Araújo à passagem inicial do quinto capítulo da obra de Kierkegaard, contribui significativamente para o esclarecimento do objetivo central do pensamento de Kierkegaard. Assim, primeiramente, citar-se-á o trecho central de Kierkegaard referente ao rapaz que gostaria de ter medo ou, na concepção kierkegaardiana, de aprender a se angustiar, para depois analisar a interpretação de Cleyton:

Deixemos este aventureiro seguir o seu caminho, sem nos preocuparmos (em saber) se encontrou ou não o terrível. Ao invés disso, quero afirmar que essa é uma aventura pela qual todos têm de passar: *a de aprender a angustiar-se, para que não se venham a perder, nem por jamais terem estado angustiados nem por afundarem na angústia*; por isso, aquele que aprendeu a angustiar-se corretamente, aprendeu o que há de mais elevado (KIERKEGAARD, 2010a, p. 161, grifo nosso).

No aprender a angustiar-se, conforme Kierkegaard explicita, equilíbrio está para não se perder na angústia. Vale à pena considerar a interpretação de Cleyton Francisco Oliveira Araújo da passagem acima citada:

[...] na citação, em apreço, temos dois “avisos” para que ninguém se perca no caminho da angústia. O *primeiro* é para um indivíduo que não queira ou não tenha experimentado angústia e isso, para o filósofo danês,

equivale a uma individualidade desprovida de espírito. É a partir da angústia que o homem se estabelece, pelo salto ou ato, o espírito, uma individualidade subjetiva e não quantitativa. O *segundo* é afundar-se na angústia, cuja consequência máxima é o suicídio. Tais extremos da angústia são, para o filósofo, o que ocasiona o desespero do *self*, do espírito do homem (ARAÚJO, 2016, p. 208).

Percebe-se que o exagero da angústia e a sua eliminação provoca no Indivíduo a falta de concretização da síntese, o não se tornar si mesmo. Por isso, é necessário ter o equilíbrio entre a excessividade e a escassez da angústia, para que ela não destrua ou anule o espírito.

Haufniensis³ alerta que o Indivíduo precisa aprender a angustiar-se, pois, só assim direcionará a sua existência à complexidade da fé. Sendo assim, a angústia torna-se condição para o indivíduo chegar à singularidade. E o que seria esta singularidade?

Para ter uma resposta a essa questão, torna-se necessário analisar o processo do tornar-se si mesmo, que o indivíduo, com a consciência do seu eu, busca vivenciar na sua existência. Pois, é neste processo fundamental que o Indivíduo se compreende como um ser singular.

O “tornar-se si mesmo” é quando o Indivíduo conhece o seu eu, volta-se para si, apropria-se do eu (*selv*)⁴; é a concretização da síntese da alma, do corpo e do

³ Pseudônimo da obra supracitada.

⁴ De acordo com a obra *A doença para morte*, ou conforme a tradução brasileira, *O desespero humano*, o *selv* tem uma dimensão triádica, ou seja, uma dimensão que tem três pontas, do qual o Eu é a síntese, a autorelação e fundamenta-se no Absoluto. O primeiro é síntese do finito e infinito, temporalidade e eternidade, necessidade e possibilidade; o segundo é o voltar-se do eu a si mesmo, reflete sobre si mesmo, isto é, uma relação da relação, sendo assim uma autorrelação; e o terceiro é fundamenta-se 44 • *Ágora Filosófica*, Recife, v. 21, n. 3, p. 38-60, set./dez., 2021

espírito (o eu). Assim, este é o núcleo do pensamento kierkegaardiano, pois, como se sabe, no trajeto filosófico de Kierkegaard prevalecem as discussões sobre a existência. Com isso, este voltar-se para si mesmo, ou em outras palavras, esta apropriação do eu, tem uma grande importância para a discussão sobre o existir. De acordo com André Luiz Holanda de Oliveira: “Tornar-se si mesmo é tornar-se concreto, é o não se situar apenas num dos dois pólos dessa síntese, mas na própria síntese em si mesma” (OLIVEIRA, 2003, p. 81).

Entende-se que a busca kierkegaardiana, de tornar o Indivíduo concreto, significa trazer para a realidade aquele indivíduo que vive em uma Ilusão; significa sair do eu ideal para o eu real, concretizando-se como um Indivíduo voltado à sua própria existência⁵; este voltar a si mesmo é um voltar-se ao próprio eu, para chegar ao outro e conseqüentemente a Deus. É este o caminho existencial que Kierkegaard desenvolve como escritor, um direcionamento das condições existenciais (angústia, desespero, etc.) tendo como uma busca a fé.

Assim, nesta busca da singularidade, o Indivíduo necessita superar o desespero, pois, ele é uma doença mortal, não fisicamente, porém, espiritualmente na sua relação com o Absoluto. Desta forma, Kierkegaard, ou Anti-Climacus⁶, indica a importância da síntese para o existente, ou seja, o eu como o terceiro elemento que sustenta os dois elementos: a alma e o corpo:

O homem é espírito. Mas o que é espírito? É o eu. E, o eu? O eu é uma relação, que não se

no Fundamento que é Deus. Assim, para ele, ser selv pressupõe o direcionamento à fé.

⁵ Este movimento da realidade e idealidade é um ponto diferencial no pensamento de Kierkegaard, como já foi relatado quando do tratamento da Ética-segunda na sua diferenciação daquela Ética primeira.

⁶ Pseudônimo kierkegaardiano *d'A doença para morte*.

estabelece com qualquer coisa de alheia a si, mas consigo própria. Mais e melhor do que na relação propriamente dita, ele consiste no orientar-se dessa relação para a própria interioridade. O eu não é, a relação *em si*, mas sim o seu *voltar-se* sobre si própria, o conhecimento que ela tem de si própria depois de estabelecida (KIERKEGAARD, 2010b, p.25).

E ainda:

Em uma relação de dois termos, a própria relação entra como um terceiro, como unidade negativa, e cada um daqueles termos se relaciona com a relação, tendo cada um, existência separada no seu relacionar-se com a relação; assim acontece com respeito à alma, sendo a ligação da alma e do corpo uma simples relação. Se, pelo contrário, a relação se conhece a si própria, esta última relação que se estabelece é um terceiro termo positivo, e temos então o eu (KIERKEGAARD, 2010b, p. 26).

Por certo, a concretização da síntese torna-se importante para o Indivíduo, visto que, busca a própria possibilidade de ser, a sua singularidade. Sem a relação da alma e corpo com o espírito, com o eu, a síntese fica incompleta, considerada como uma relação simples. Dessa forma, só se constitui o processo da singularidade quando a síntese se completa.

À medida que Kierkegaard propõe este tornar-se si mesmo ou tornar-se singular, que é, na verdade, a solução de superação do desespero, ele concebe o tornar-se cristão, como direção desse caminho que tem o mesmo objetivo de apropriação de si mesmo, sendo necessário que o Indivíduo saia da multidão para a sua

individualidade. Este tornar-se cristão, porém, é representado como a busca de uma vivência verdadeiramente fiel e autêntica do cristianismo, é a busca de si mesmo, na relação com Ele (Deus)⁷.

A abordagem feita até aqui sobre o tornar-se si mesmo, permite avançar para a continuação interpretativa do último capítulo da obra *O conceito de Angústia*, intitulado *Angústia como que salva pela fé*. Kierkegaard propõe que se vivencie a angústia, contudo, a angústia que direciona o Indivíduo à sua própria singularidade. Por isso, ele entende que este existente, no qual, sabe viver a angústia é o maior existente, ele aprendeu a se angustiar.

Se um humano fosse um animal ou um anjo, não poderia angustiar-se. Dado que ele é uma síntese, pode angustiar-se, e quanto mais profundamente se angustia, tanto maior é o ser humano, mas não, contudo, no sentido em que os homens em geral o consideram, referindo a angústia a algo externo, como algo que é exterior ao homem, e sim no sentido de que ele mesmo produz a angústia (KIERKEGAARD, 2010a, p. 161).

Pode-se inferir que, como o Indivíduo está na síntese (alma-corpo-espírito), a sua angústia torna-se muito maior. Por isso, não é viável pensar a angústia fora da existência, como se o externo fosse determinante para o começo da angústia que, ao contrário, é produzida pelo próprio Indivíduo, sendo assim, interior e subjetiva.

A angústia tem uma grande importância no processo de existência e, da mesma forma, e de modo correlato o aprender a angustiar-se para vivenciar as suas

⁷ Não se aprofundará aqui a crítica kierkegaardiana ao cristianismo, ou melhor, a crmandade, por não ser objetivo da pesquisa. O que vai prevalecer nesta última parte é o tratamento da angústia que direciona o Indivíduo à conquista da fé.

possibilidades. Estas possibilidades é o que provoca uma escolha e conseqüentemente a angústia.

Para aprender a angustiar-se é necessário direcionar-se para a fé. Isto significa dizer que, a vivência da angústia direciona a finitude para a infinitude. Kierkegaard estabelece: “A angústia é a possibilidade da liberdade, só está angústia é, pela fé, absolutamente formadora, na medida em que consome todas as coisas finitas, descobre todas as suas ilusões” (KIERKEGAARD, 2010a, p. 161 – 162). E quando o Indivíduo se dedica em saber que a angústia é formadora na medida em que se direciona à fé, o Indivíduo vive na sua autêntica singularidade. Sobre esse processo, André Holanda afirma: “O indivíduo é verdadeiramente, autenticamente singular, só na sua relação com Deus, relação essa que se dá no âmbito da fé” (OLIVEIRA, 2003, p. 10).

Kierkegaard alerta que o Indivíduo sendo formado pela angústia ele também é formado pela possibilidade, pois, quem se forma pela possibilidade advinda da angústia, está direcionando-se à infinitude. Então, o filósofo dinamarquês entende que a possibilidade forma o indivíduo, pois, é neste momento que ele se encontra com as mãos postas, esperando por algo que não se conhece, ou seja, o indivíduo não tem consciência do que poderá acontecer, porém ele se lança à possibilidade (o abismo) e, desse modo, a possibilidade é percebida como parte inerente da existência; tornando-a árdua.

Aqueles que é formado pela angústia é formado pela possibilidade, e só quem é formado pela possibilidade está formado de acordo com sua infinitude. A possibilidade é, por conseguinte, a mais pesada de todas as categorias (KIERKEGAARD, 2010a, p. 162).

A partir deste desenvolvimento, observa-se que a possibilidade voltada para a existência tem a sua densidade, porque viver com ela não significa viver sem sofrimentos e sem melancolias. Nesta perspectiva, para aqueles que acreditam que a possibilidade é leve e a realidade é pesada, Kierkegaard alerta que esses existentes não sabem o que é realidade e muito menos o que é possibilidade; estes não entendem o real significado da possibilidade, pois elencam tão somente como possibilidade da sorte, do êxito, etc. De acordo com Cleyton Araújo:

Esses que compreendem desse modo argumentam que as emergências e as circunstâncias da sociedade, com todas as suas dificuldades inerentes (políticas, econômicas, sociais, ambientais, etc.), trazem grandes consequências nocivas e sofrimentos à existência, e que as possibilidades são um mundo das “nuvens”, da “fada madrinha” da fantasia, etc (ARAÚJO, 2016, p. 210).

A possibilidade é muito mais ampla do que esses possíveis tipos, pois, se a existência em sua particularidade é penosa, imagine a vivência das possibilidades que está entre o possível e o não possível. Kierkegaard reforça esse entendimento, visto que, a realidade já está dada para o indivíduo, queira ele ou não, porém a possibilidade é incerta e não está dada, é uma obscuridade que só angustia e faz tremer o indivíduo que se volta para ela. Assim, nesta possibilidade formadora, o indivíduo entende aquela que faz sorrir, como também aquela que faz chorar. Nas palavras de Kierkegaard: “[...] na possibilidade tudo é igualmente possível, e aquele que, em verdade, foi educado pela possibilidade entendeu

aquela que o apavora (*den Forfærdelige*) tão bem quanto aquela que lhe sorri (*det Smilende*)” (KIERKEGAARD, 2010a, p. 162).

Quando o indivíduo se volta a ele mesmo, na sua possibilidade de ser, é quando ele percebe que a sua possibilidade é muito mais pesada do que a realidade, pois as discussões interiores se refletem mais densas do que as reflexões exteriores. É nesse voltar-se que o indivíduo avalia ou examina o seu eu. No dizer de Araújo:

Quando um indivíduo começa a pensar quem ele é, o que deveria ser (para um efeito de exemplificação e considerações iniciais desta escola), esse indivíduo se depara com sofrimentos, lutas e batalhas interiores. Nessa esfera interior não há espaço para barganha ou retórica, pois quem está operacionalizando tudo isso é o “eu concreto”, esse juiz que “examina” ou “desalenta” honestamente o si mesmo (ARAÚJO, 2016, p. 210).

Quem, para Kierkegaard, se deixar formar pela angústia, isto é, pela possibilidade, conhece a si mesmo, percebe que o externo que está diante de seus olhos não tem tanta importância como o que passa no interno de si mesmo.

O que o filósofo de Copenhague enfatiza neste último capítulo de sua obra, é que o indivíduo precisa sair da sua comodidade e alcançar voos mais altos dentro do seu eu. Diante todo o percurso da obra *O conceito de angústia*, ele foca uma angústia que tem um grande peso no indivíduo, arcando com respectivos referenciais na construção do seu pensamento – Adão e Eva, Kant, Hegel, Schelling – deixando a sua concepção inicial da angústia obscura e pesada. No entanto, no último capítulo ele

interpreta de acordo com Álvaro Valls, uma angústia boa, uma angústia que direciona à possibilidade da fé, direciona ao tornar-se cristão.

Nas esteiras desta compreensão, pode-se recorrer a afirmação de Valls:

Se nos primeiros capítulos a angústia assusta e aflige, aparecendo em companhias pesadas como o sistema de Hegel, as reflexões de Schelling, dos padres da Igreja e dos teólogos especulativos, com o pecado e a concupiscência, e na dúvida se a sensualidade seria ou não pecaminosidade, e que condições, se, portanto, nos capítulos prévios a angústia aparece sob os aspectos mais noturnos ou crepusculares, agora, no capítulo V, ela se apresenta numa atmosfera de aurora, de dia claro, à luz do grande dia... aparece sob outra luz, bem mais positiva, já desde do título (...) Seu papel é de redentora: angústia salvando, redimindo (...) com a fé, junto com a fé ou pela fé, a angústia é a verdadeira redentora (VALLS, 2013, p. 148-150).

A angústia direciona-se à fé, o ponto central da filosofia kierkegaardiana, para o qual a angústia só se torna agradável quando o indivíduo na sua própria possibilidade de ser direciona-se à fé. “Mas para que um indivíduo venha a ser formado assim tão absoluta e infinitamente pela possibilidade, ele precisa ser honesto frente à possibilidade e ter a fé” (KIERKEGAARD, 2010a, p. 163). Fica claro que Kierkegaard centra o caminho para fé, como um alicerce para o tornar-se si mesmo.

Kierkegaard compreende por fé o mesmo que o filósofo alemão Hegel, é “a certeza interior que antecipa a infinitude” (KIERKEGAARD, 2010a, p. 163). Nesta sentença,

advinda do filósofo alemão, percebe-se que a fé é vivida pela interioridade de cada indivíduo. “A fé é uma experiência paradoxal e estritamente subjetiva, e que só pode ser entendida concretamente por quem a experimenta e, unicamente, por si só” (ARAÚJO, 2016, p. 213).

O direcionamento para à fé é que guia a existência humana como meio de vivenciar a angústia. Sem a fé, segundo Kierkegaard, o indivíduo vive na obscuridade da sua existência, na procura de uma verdade que não é verdade⁸.

Kierkegaard afirma que, a possibilidade da angústia tem que levar o indivíduo para a infinitude, sem a realização disso o indivíduo se engana pela esperteza da finitude. “Se o indivíduo engana a possibilidade pela qual deve ser formado, não chega nunca à fé, sua fé torna-se então uma esperteza da finitude, tal como sua escola também era a da finitude” (KIERKEGAARD, 2010a, p. 164).

Ser formado pela possibilidade conscientiza o existente da sua responsabilidade consigo mesmo, isto é, direciona o indivíduo no descobrimento da sua identidade, diluindo toda concentração no que é externo ao indivíduo. Kierkegaard, no seu escrito, pode parecer penoso e obscuro quando se refere ao sair do externo para voltar ao seu próprio eu, porém, da mesma maneira que a possibilidade se torna densa para o existente, a tentativa de uma explicação torna-se obscura.

O filósofo dinamarquês não anda nos trilhos de uma tradição filosófica racionalista, mas enfatiza o limite

⁸ Esta questão da verdade e da não-verdade é refletida com mais profundidade na obra Pós-escrito às Migalhas Filosóficas de 1846. (Cf. KIERKEGAARD, Søren Aabye. Pós-escrito conclusivo não científico às migalhas filosóficas: coletânea mímico-patético-dialética, contribuição existencial, por Johannes Climacus. Vol I. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro e Marília Murta de Almeida. Petrópolis: Vozes, 2013)

desta razão para não ultrapassar o campo que é de responsabilidade do próprio indivíduo. É por isso, que ele enfoca a apropriação do si mesmo, que para acontecer o movimento tem de se processar inversamente, sair do interior para o exterior. Por conseguinte, a possibilidade no pensamento de Kierkegaard, é mais pesada do que a realidade, visto que, quando o existente é formado por essa possibilidade ele já sofre a sua possibilidade e a sua realidade torna-se leve, pois, passou de antemão pela possibilidade da infinitude.

É nessa perspectiva que Kierkegaard, vai afirmar que a angústia só é positiva quando leva o indivíduo à infinitude, não desmerecendo a finitude, porém, quando o indivíduo se direciona à infinitude, ele se apropria da sua possibilidade, em outras palavras, ele é formado pela escola da possibilidade. Neste sentido, é importante verificar o que Kierkegaard afirma em sua obra:

Mas aquele que penou na infelicidade ao frequentar o curso da possibilidade, perdeu tudo, tudo, como nunca ninguém na realidade o perdeu. Mas se então ele não enganou a possibilidade, que queria ensinar-lhe, não passou a conversa na angústia, que queria salvá-lo – então também ganhou tudo de volta como na realidade ninguém jamais recobrou, ainda que tivesse recobrado tudo decuplicado; pois o discípulo da possibilidade ganhou a infinitude, e a alma do outro teria expirado na finitude (KIERKEGAARD, 2010a, p. 165).

E ainda, o filósofo explicita:

[...] aquele que mergulhou na possibilidade sentiu vertigens no olhar, os olhos se lhe extraviaram de modo que não alcançava o medidor de profundidade que fulano ou

beltrano lhe estendia como palha de salvação, os ouvidos se lhe fecharam de maneira que já não ouvia a quantas estava a cotação do homem em sua época, não ouviu que valia tanto quanto a maioria. Ele afundou absolutamente, mas logo emergiu outra vez do fundo do abismo, mais leve do que tudo o que há de penoso e horroroso na vida (KIERKEGAARD, 2010a, p. 165).

Nessas duas citações anteriores, pode-se observar quanto é importante o indivíduo ser formado pela possibilidade, pois, quando se volta para ela, a existência torna-se consciente do que o possível possa ser, que possa realizar.

Kierkegaard defende que, quando formado pela possibilidade, esta (a angústia) a direciona à infinitude, à fé: “permanece junto à angústia, não se deixa enganar por suas inúmeras falácias, conserva com exatidão a memória do passado; aí então por fim os ataques da angústia, embora continuem terríveis, não são de tal modo que ele bata em retirada” (KIERKEGAARD, 2010a, p. 165).

A formação do Indivíduo pela possibilidade o habilita a aceitar e vivenciar o momento, visto que, já foi formado pela árdua possibilidade. Diante de uma situação externa que o faz tremer, horrorizar, etc, ele aceita o momento pelo fato de já está formado pela angústia. Tendo como base nesta aceitação do que a realidade porta para o existir, Kierkegaard traz como referência a figura de Sócrates, como aquele que soube dar as boas-vindas à morte:

Quando ela [angústia] se anuncia, quando parece que vai dar o golpe, como se arditosamente tivesse inventado agora um meio de horrorizar completamente novo,

como se agora fosse muito mais horrível do que nunca, ele não recua, nem ao menos procura mantê-la afastada com ruído e algaravia, antes lhe dá as boas-vindas, saúda-a festivamente, tal como Sócrates ergueu solenemente ao ar, à maneira de brinde, o copo do veneno, encerra-se com ela, e diz, como um paciente ao cirurgião, quando vai começar a operação dolorosa: “Agora estou pronto”. Então, a angústia penetra em sua alma e a esquadrinha inteiramente, e angustia o finito e o mesquinho para longe dele, e finalmente o conduz para onde ele quer (KIERKEGAARD, 2010a, p. 165 – 166).

Verifica-se, portanto, Kierkegaard apontando que quando o Indivíduo está formado pela possibilidade da infinitude, ele age conscientemente quando chega um golpe, uma situação tenebrosa, uma vez que, ele já se horrorizou quando ele escolheu a possibilidade. A título de exemplo ilustrativo pode-se pensar em indivíduos que desejam seguir carreira acadêmica. Quando os mesmos escolhem persistir na caminhada intelectual, devem ter a consciência de que as situações que surgirão não vão ser fáceis. Nas escolhas feitas por esses indivíduos, têm que estar abertos às consequências que essas escolhas vão trazer, para quando chegarem em tais situações não se apavorarem, como pensassem que nunca iriam vivenciá-las. O exemplo permite refletir sobre o que Kierkegaard entende por ser formado pela possibilidade, essa possibilidade que precisa fazer a transição entre a finitude e o infinito:

Sendo o indivíduo formado pela angústia para a fé, a angústia então há de erradicar justamente o que ela mesma produz. A angústia descobre o destino, mas quando

então o indivíduo quer pôr sua confiança no destino a angústia se reverte e expulsa o destino; pois o destino é como a angústia, e a angústia é como a possibilidade uma carta de bruxa (KIERKEGAARD, 2010a, p.166).

O próprio Kierkegaard oferece vários exemplos para mostrar ao leitor a veracidade do peso da possibilidade, esta possibilidade que assusta, que agonia, que angustia e, ao mesmo tempo, demonstra que para aprender a viver com esta possibilidade é preciso se transformar a si mesmo, ter a consciência da sua própria possibilidade de ser. Um dos exemplos que Kierkegaard destaca, em seu derradeiro capítulo, é o do hipocondríaco. Antes, porém, de apresentar esse exemplo torna-se essencial reafirmar a compreensão que o dinamarquês tem do indivíduo formado pela possibilidade, ou seja, do quanto é essencial o voltar-se para o próprio eu direcionar a existência pois, para Kierkegaard, o indivíduo não pode conformar-se com a finitude. Ele tem que direcionar a sua existência à infinitude. Dessa maneira, o filósofo afirma: “Quem não deseja afundar-se na miséria da finitude é compelido a, no sentido mais profundo, atirar-se para a infinitude” (KIERKEGAARD, 2010a, p. 167).

E ainda em direcionamento para a fé, ele explicita:

Se uma individualidade não está emancipada assim da sagacidade por si mesma, de nada lhe adianta; pois a finitude sempre explica apenas parcialmente, jamais totalmente, e aquele cuja sagacidade falhou o tempo todo (e mesmo isso é impensável na realidade), pode procurar o motivo disso na sagacidade e esforçar-se por tornar-se mais sagaz. Com o auxílio da fé a angústia ensina a individualidade a repousar na Providência (KIERKEGAARD, 2010a, p. 168).

É no direcionamento para a fé que o Indivíduo se angustia positivamente, porque se esta direção se volta para a finitude, o sentido altera, e passa a ser um sentido medíocre e corrompido (Cf. KIERKEGAARD, 2010a, p. 168).

Tendo em vista essa centralidade da infinitude, melhor dizendo, da fé, pode-se descrever, agora, aquele exemplo mencionado acima: do hipocondríaco. Kierkegaard traz o exemplo deste tipo de doença do homem, pelo motivo do existente sofrer com possibilidades que podem ser plausíveis ou não e, com isso, o filósofo, apreende como a possibilidade se torna mais pesada do que a realidade, visto que, o hipocondríaco não sente tanto horror quando a realidade de suas ilusões se faz presente.

O hipocondríaco angustia-se diante de qualquer insignificância, mas, quando ocorre o que é importante, ele começa a respirar, e por quê? Porque a realidade importante não é, contudo, tão horrível como aquela possibilidade que ele mesmo tinha formado, e para cuja formação gastava sua força, enquanto que agora ele pode usar toda a sua força no confronto com a realidade (KIERKEGAARD, 2010a, p. 168 – 169).

Dessa forma, o filósofo dinamarquês entende que o existente independente da sua situação deve ser formado pela possibilidade que é a angústia e esta angústia liga o finito à infinitude. “Por isso, quem se educa pela angústia em relação à culpa, só há de encontrar repouso na reconciliação” (KIERKEGAARD, 2010a, p. 169).

À guisa de conclusão

Portanto, o apropriar, ou melhor, o edificar a si

mesmo é uma atitude que cada indivíduo na possibilidade de ser deve adquirir, pois, a existência só é vivenciada concretamente quando se direciona, primeiro, a sua própria existência, ou seja, o eu; segundo, quando depois dessa edificação de si mesmo se volta para a fé. Esse processo para Kierkegaard é o que caracteriza a singularidade, esse relacionar-se consigo, para depois relacionar-se com o outro e com Deus.

A partir dessa interpretação, entende-se que a angústia no indivíduo se torna um ponto crucial para o conhecimento do eu com o seu próprio eu, pois, a angústia que forma leva o indivíduo a viver a sua possibilidade e viver singularmente a sua existência.

Enfim, este artigo tentou conduzi o leitor(a) à percepção da angústia como condição para o indivíduo voltar-se a si mesmo e viver uma existência singular. Sem a angústia o existente não faz uma reflexão da sua própria escolha, mas vive na inconsciência de que o externo se reflete nele. Kierkegaard enfatiza que esta angústia direciona este ser de possibilidades à apropriação de si, pois só neste processo o indivíduo vai se relacionar com ele mesmo, com o outro e com Deus.

Foi com essa compreensão que se tentou enfatizar, o Indivíduo no direcionamento à uma consciência da sua própria possibilidade e nesta possibilidade repensar o processo de viver angustiado. Dessa forma, é esse viver angustiado que leva o Indivíduo a concretização da sua singularidade, do contato do Indivíduo com sua fé.

Referências

ARAÚJO, Cleyton Francisco Oliveira. **Angústia como possibilidade de subjetividade segundo Kierkegaard**. 2016. 243 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia,

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, Toledo, 2016.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **O conceito de angústia:** uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis: Vozes, 2010a.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **The concept of anxiety:** a simple psychologically orienting deliberation on the dogmatic issue of hereditary sin. Edited and translated: Reider Thomte and Albert B. Anderson. New Jersey, Princeton University Press Princeton, 1980.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **O conceito de angústia:** 3 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2015

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **Pós-escrito conclusivo não científico às migalhas filosóficas:** coletânea mímico-patético-dialética, contribuição existencial, por Johannes Climacus. Vol I. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro e Marília Murta de Almeida. Petrópolis: Vozes, 2013.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **O desespero humano.** Trad. Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Editora Unesp, 2010b.

OLIVEIRA, André Luiz Holanda de. **A noção da existência autêntica em Kierkegaard.** 2003. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

QUAGLIO, H. A. **Fenomenologia da experiência religiosa em Kierkegaard e Rudolf Otto.** São Paulo: LiberArs, 2014.

VALLS, Álvaro Luiz Montenegro. **O crucificado encontra Dionísio.** São Paulo: Edições Loyola, 2013.

Tales Macêdo da Silva

Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará - UFC na linha de pesquisa Filosofia da Linguagem e do

Conhecimento. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE na linha de pesquisa Hermenêutica e Fenomenologia. Bacharel e Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Professor no curso de Filosofia da Universidade Católica de Pernambuco. É membro (participante) da SOBRESKI (Sociedade Brasileira de Estudos sobre Kierkegaard) e do Grupo de Estudos sobre Hegel do Recife. E tem interesse no Idealismo Alemão (Schelling, Fichte e Hegel) e Filosofia da Existência, especialmente em Søren A. Kierkegaard.

E-mail: tales.macedo@unicap.br

Submetido: 19/10/2021

Aprovado: 11/12/2021